

## **O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA X O LETRAMENTO LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

*Rute da Silva Santos* (UFT)

[s\\_rute@hotmail.com](mailto:s_rute@hotmail.com)

*Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira* (UFT)

[luizpeel@uft.edu.br](mailto:luizpeel@uft.edu.br)

*Rosélia Sousa Silva* (UFT)

[roseliasousasilva09@uft.edu.br](mailto:roseliasousasilva09@uft.edu.br)

### **RESUMO**

O presente artigo versa sobre atividades de língua portuguesa, realizadas no Ensino Médio, na modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA, no Colégio Estadual Professor José Carneiro de Brito do município de Tocantinópolis-TO, no período de 2012 ao primeiro semestre de 2017. As atividades que inspiraram este artigo tinham como objetivo geral fomentar os alunos à prática da leitura literária, levando-os a um encontro inusitado com livros. A sequência didática desenvolvida nesse trabalho foi sistematizada e organizada de forma a valorizar a leitura literária por meio de pequenos eventos de letramento literário e tendo como culminância de todo o percurso um evento maior intitulado “Seminário Temático de Literatura”, no qual os alunos apresentavam suas leituras previamente feitas, por meio de apresentações expositivas e/ou artísticas. Adotamos os conceitos de Street (2012), Soares (2004), Kleiman (2005) e Paulino (1998) para fundamentar a consistência do nosso trabalho.

### **Palavras-chave:**

Letramento literário. Língua portuguesa. Educação de Jovens e Adultos.

### **1. Introdução**

Apresentaremos nesse artigo um trabalho pedagógico realizado nas aulas de Língua Portuguesa do Colégio Estadual Professor José Carneiro de Brito, de 2012 ao primeiro semestre de 2017, nas turmas do Ensino Médio, na modalidade de Jovens e Adultos – EJA. A motivação por realizar este trabalho se deu pela inquietação em proporcionar atividades diferenciadas que fizessem com que aqueles os alunos interesse, afetividade e participação na da construção do conhecimento leitor. Depois de algum tempo seguindo a mesma rotina da sala de aula, nasceu a ideia de que eles poderiam ser os próprios protagonistas desse processo de formação leitora, que o professor não deveria trazer tudo pronto ao alcance deles. Como a principal deficiência de aprendizagem deles estava na leitura, certamente aproximá-los

de obras literárias com o intuito de desenvolver esse hábito, colocá-los diante do conhecimento literário e ajudá-los a reconhecer o prazer dessa experiência, seria uma ação eficaz e indispensável para minimizar o problema. Vale lembrar Paulo Freire: “a Educação qualquer que seja ela, é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática”. Faltava naquele contexto essa prática da qual Freire acreditava. Nessa perspectiva a apropriação da leitura também não poderia partir do nada, mas sim dos interesses e das experiências deles. Quando o conteúdo a ser aprendido na escola não possui relação com o contexto do aluno, o mesmo acaba por “decorar” as informações e, com o passar do tempo, esquece tudo que foi trabalhado. Como reforça Antunes (2002):

[...] os saberes não se acumulam, não constituem um estoque que se agrega à mente, e sim há a transformação da integração, da modificação, do estabelecimento de relação e da coordenação entre esquemas de conhecimento que já possuímos, em novos vínculos e relações a cada nova aprendizagem conquistada. (ANTUNES, 2002, p. 29)

Abordaremos questões relevantes a respeito do perfil dos alunos e da escola e faremos uma exposição teórica dos conceitos de leitura, alfabetização e letramento, dando ênfase ao letramento literário. Em seguida, exploraremos sobre o percurso metodológico e, para finalizar, apresentaremos o resultado obtido com essa atividade nas considerações finais.

## **2. Perfil dos alunos e da escola**

Para uma boa compreensão da Educação de Jovens e Adultos no Brasil é necessário fazermos um retrospecto na história da educação brasileira para uma reflexão sobre a prática pedagógica atual. O desenvolvimento da alfabetização de adultos no Brasil acompanha a história da educação e teve início com o trabalho de catequização e ensino das primeiras letras, realizado pelos jesuítas, durante o Brasil colônia, em 1549. O avanço econômico e tecnológico que se deu no país nos anos seguintes, passou a exigir mão-de-obra mais qualificada e a necessitar de pessoas alfabetizadas, com isso, mudanças nas medidas políticas e pedagógicas foram adotadas na tentativa de alcançar essa demanda do mercado. Diante de todo o contexto em que surgiu e se concretiza até os dias de hoje, a alfabetização de jovens e adultos não é um ato apenas de ensino-aprendizagem, é a construção de uma perspectiva de mudança.

Procurando compreender o surgimento e a concretização dessa mo-

dalidade de Educação, verificamos ainda que, no início, período da colonização do Brasil, as poucas escolas existentes era privilégio das classes média e alta, constituídas por famílias em que os filhos possuíam acompanhamento escolar na infância; nesse contexto, acreditava-se não haver necessidade de uma alfabetização para jovens e adultos e as classes pobres não tinham acesso a instrução escolar e quando a recebiam era de forma indireta.

Diante desse panorama tão lento pelo qual se desenvolveu a educação dos jovens/adultos brasileiros, vemos as falhas que ficaram arraigadas no processo ensino-aprendizagem, principalmente no tocante à leitura e escrita. É inegável que a leitura é de suma importância na inserção social do indivíduo na sociedade, por isso o ato da leitura deve ser motivo de preocupação para os educadores. Desse modo, como observa Terzi (1997):

O tema “leitura na escola” está, em nosso país, muito mais associado à ideia de fracasso que de sucesso. Qualquer pronunciamento que se faça a esse respeito é sempre carregado de denúncias e críticas geradas por conclusões como: “os jovens, não sabem ler”, “não gostam de ler”. (TERZI, 1997, p. 9)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997) defendem a formação de leitores competentes através da leitura, para tanto, o leitor deve realizar um trabalho ativo de construir o significado do que lê e não apenas decodificar palavra por palavra sem entendimento amplo, complexo e geral, o que difere letramento de decodificação. Assim, para se ter uma leitura mais abrangente, é preciso que haja compreensão, cuja pretensão seja englobar as leituras escolares e as leituras de mundo desse aluno. Somente assim poderíamos falar em uma possível eficácia para formar um leitor competente: aquele que compreende o que lê e as relações sociais que sua leitura promove.

Essa compreensão e essa relação são, teoricamente simples, porém muito dificultosas de serem desenvolvidas, principalmente no público alvo da prática inspiradora deste artigo, uma vez que a realidade vivida pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA é bastante árdua; são pessoas que trabalham o dia todo, a maioria dos homens em serviços braçais; as mulheres são mães e/ou donas de casa, além de trabalharem fora para ajudar no sustento dos filhos; sendo assim, é perceptível o semblante cansado logo no início da aula no turno noturno.

Sendo o Colégio Professor José Carneiro de Brito uma escola de grande porte, contudo, situado num bairro de periferia do município de To-

cantinópolis, é constante ainda o enfrentamento de problemas com violência, marginalização, desemprego e empregos mal remunerados. Nossos jovens/ adultos que estão empregados são trabalhadores do comércio local, ou da única indústria instalada na cidade, ou funcionários da prefeitura ou, ainda, apenas realizam trabalhos autônomos ou *freelance*. Os que possuem consciência da inevitabilidade de permanecerem na escola são heróis da dura rotina que enfrentam e o cansaço que demonstram na sala de aula justifica-se diante desse contexto.

Entretanto, percebemos que a maioria se matricula pela pressão da necessidade de um certificado de conclusão do Ensino Médio para manter-se no emprego, às vezes para tentar conseguir algum. Diante disso, instigar o interesse dos alunos pela leitura é uma tarefa bastante complexa, com caminhos árduos e longos a serem percorridos. Para obtenção de um resultado, o professor não pode desistir, a profissão já de caráter nos exige encontrar caminhos para efetivar a aprendizagem, não importa as adversidades que iremos nos deparar, nesse contexto exige ainda mais enfrentamentos. Face ao exposto, é indispensável que o professor que se proponha a intervenções pedagógicas, inicialmente se colocasse no lugar deles, sentindo suas dores e mazelas e dispondo a ajudá-los a enfrentar o dia-a-dia da escola, dessa forma, começamos por pensar que empurrar-lhes conteúdos sem estar sensível aos problemas que os afetavam, seria o mesmo que lançar palavras ao vento. A mudança de postura pensada para a proposta pedagógica era-ouvi-los inicialmente, antes da aplicação de conteúdos, na tentativa de aproximação, estabelecimento de vínculos e compreensão dos limites possíveis e necessários para instigá-los a dispor-se à proposta, coletando ainda dicas de como agir para filtrar o melhor de cada um rumo a um aprendizado efetivo mesmo em condições físicas e psicológicas muitas vezes abaladas.

### **3. *Concepções de alfabetização e letramento***

O conceito de alfabetização na educação brasileira passou por várias transformações do período de 1940 a 1990, isso devido a um questionamento que emergiu a partir da análise de que havia a necessidade de desenvolver habilidades para o uso competente da leitura e da escrita, aspecto esse não materializado no contexto conceitual da alfabetização até então estabelecido. Vejamos que, até 1940, era considerado alfabetizado aquele que soubesse escrever seu próprio nome e declarasse que sabia ler e escrever, em seguida, o conceito é ampliado para aquele que fosse capaz de ler e es-

crever um simples bilhete. Todavia, essa qualificação ainda era insuficiente para comprovar a complexidade necessária que engloba o ato de ler e escrever. Desta forma, surge em 1990 novas discussões em torno da alfabetização e aqueles tidos como alfabetizados até 1950, passam a ser chamados de analfabetos funcionais, pois tinham pouca escolarização; surgem também os termos semianalfabetos e iletrados.

Em 1990 chega ao Brasil o conceito de letramento, baseado em estudos realizados na França e nos Estados Unidos nos anos 80, os quais comprovavam a ineficácia da alfabetização, uma vez que os alunos não estavam preparados para as demandas da leitura e da escrita em práticas sociais. O termo “literacy” nasce nesse contexto e é traduzido para nós como letramento. Assim, entende-se por letramento o uso da leitura e da escrita nos mais variados momentos de interação comunicativa da vida social.

O letramento abrange o processo de desenvolvimento e o uso dos sistemas da escrita nas sociedades, ou seja, o desenvolvimento histórico da escrita refletindo outras mudanças sociais e tecnológicas, como a alfabetização universal, a democratização do ensino, o acesso a fontes aparentemente ilimitadas de papel, o surgimento da internet. (KLEIMAN, 2005)

Para Magda Soares (2004), os conceitos de alfabetização e letramento devem ser estendidos aos anos do Ensino Fundamental e Médio, para isso é importante que o professor de linguagem promova situações de ensino que deem continuidade ao ato de letrar; que o aluno perceba a aplicabilidade do conteúdo estudado em seu dia a dia e seja capaz de adequar sua linguagem, oral e/ou escrita, aos mais variados contextos comunicativos. Ainda segundo a autora, partindo dessa nova visão, é possível encontrarmos possibilidades de rever e reformular a formação dos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, de modo a torná-los capazes de enfrentar o grave e reiterado fracasso escolar, uma vez que o problema deve ser minimizado a partir da base para que os resultados nos anos seguintes sejam melhores.

A proposição de que o letramento se adquire ao longo da vida concebe-se na bagagem cultural que o aluno vai desenvolvendo a cada ano, isso é percebido pela fala, pela capacidade de organizar um pensamento e pelos posicionamentos coerentes diante de situações conflituosas. O letramento é alcançado quando o leitor exerce sua cidadania nos diversos espaços sociais.

Brian Street (*Apud* MAGALHÃES, 2012), propõe a pluralização do

termo letramento. Nascem, a partir dessa sua proposta, os termos: eventos de letramento e práticas de letramento. Daí, percebemos as teorias que arroslam cada um e passamos a compreender essa distinção em situações reais da nossa prática pedagógica como professores de Língua Portuguesa. Por exemplo: levar os alunos à biblioteca é um evento de letramento e a atividade oral ou escrita a ser desenvolvida nesse espaço é uma prática de letramento. O autor também nos faz refletir a respeito do uso equivocado de iletrado, pois um falante pode ser iletrado para determinada situação comunicativa e interativa, mas não em todas as situações. Todavia, cabe a nós professores ampliar o leque de possibilidades para os “múltiplos letramentos e multiletramentos” de nossos alunos, sejam eles crianças, adolescentes ou adultos. Cazden e outros do Novo Grupo de Londres/NGL (*New London Group* 1996) apresentaram a noção de multiletramento em referência não a múltiplos letramentos, associados a culturas diferentes, mas a formas múltiplas de letramento associadas a canais ou modos, como o letramento do computador, o letramento visual. (p.72-3).

O letramento literário pode ser definido, em linhas gerais, como um conjunto de práticas e eventos sociais que envolvem a interação leitor e escritor, produzindo o exercício socializado na escola por meio da leitura de textos literários, sejam estes canônicos ou não. Assim a finalidade principal é a construção e a reconstrução dos significados em relação ao texto literário lido dentro ou fora da sala de aula. Nesse sentido, o texto literário deve sinalizar a construção de novos caminhos acerca da interpretação de mundo vivenciado pelo contato entre o escritor e leitor.

Na perspectiva do letramento literário, nosso foco não era somente na aquisição das habilidades de ler gêneros literários, mas também no aprendizado da compreensão e ressignificação dos textos, através da motivação do professor *x* aluno. Procuramos apresentar estratégias metodológicas que visavam desenvolver o letramento literário na escola, tendo a leitura como objetivo principal desse tipo de letramento. Nossa proposta integra o conceito de letramento literário e o desenvolve a partir de leituras orientadas e motivadas no ambiente escolar, fazendo uso da biblioteca e expandindo as leituras para a sala de aula e para o alcance de outros indivíduos do corpo escolar.

Com esse tipo de letramento, de um modo geral, deve-se ter o cuidado de não somente envolver o fenômeno da leitura, mas também incluir as habilidades de escrita literária, que não costumam ser cobradas dos alu-

nos. A respeito disso, Paulino (1998) nos adverte que:

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção. (PAULINO, 1998, p. 56)

Este artigo segue essas linhas teóricas apresentadas, por acreditarmos que por meio delas seja possível responder e apresentar bons resultados para as inquietações da problemática anteriormente explicitada. Devemos buscar a “educação libertadora”, a qual Paulo Freire acreditava e disseminava, rompendo a “cultura do silêncio” e levar nossos alunos a lerem, a escreverem e a serem críticos de si mesmo e da sociedade em que vivem e o letramento literário também deve estar incluído nesse contexto de formação leitora.

#### **4. O caminho metodológico**

É interessante que o professor crie situações de ensino-aprendizagem nas quais a relevância dos seus conteúdos culturais selecionados em um projeto curricular possa interagir e proporcionar processos de reconstrução acrescentando aos que já existe nas estruturas cognitivas dos estudantes. Não obstante, é importante lembrar-se da inserção de uma linguagem literária, que diferente da linguagem objetiva e usualmente corriqueira, pois a linguagem literária ativa um processo de reflexão no leitor, sai do imediatismo comum, propondo, assim, uma leitura que vai exigir desse sujeito uma maior profundidade para que se atinja os objetivos esperados, desperte o senso comum e potencialize aspectos do ato de ler. Portanto, defendemos a inclusão do texto literário na prática de leitura e, posteriormente, na escrita dos alunos. Desse modo, teremos:

Um dos fins da leitura é possibilitar o acesso às obras literárias. As obras literárias constituem um modo específico de expressão. Elas referem-se todo tipo de realidade, utilizando um código “poético”, que as diferencia das obras lógicas, discursivas, científicas ou similares. (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 1987, p. 208)

Com o intuito de alcançar esse e outros fins possibilitados pela leitu-

ra, essa atividade de língua portuguesa, realizada desde o segundo semestre de 2012 – com estratégias melhoradas ao longo do caminho para desenvolver cada etapa planejada – demonstrou uma singular evolução de uma turma também ao observar o trabalho das turmas anteriores. O trabalho se desencadeava com a seguinte sequência didática:

- 1ª etapa – escolha do tema gerador do seminário; divisão das equipes e em seguida o sorteio dos autores e obras relacionados ao tema;
- 2ª etapa – ida à biblioteca, primeiro contato com os livros, interação dos grupos, discussões...;
- 3ª etapa – oficina de elaboração de slides;
- 4ª etapa – período para as leituras, preparação e ensaios.

As etapas 1, 2 e 4 do projeto foram repetidas conforme a necessidade das turmas e sempre sob orientação da professora. E o desenrolar do projeto seguia da seguinte forma: a oficina de elaboração de slides foi realizada no laboratório de informática com uma turma por vez; as equipes faziam uso dos computadores para colocar em prática o que aprenderam; a produção de slides sobre o assunto a ser apresentado por cada grupo consta como parte da avaliação textual do trabalho; os alunos seguiam as orientações oferecidas e escreviam os tópicos dentro da norma culta da língua; os *slides* ficavam prontos bem antes da culminância da atividade para que houvesse tempo para a devida correção.

A 4ª etapa foi o momento mais importante do trabalho, uma vez que era o objetivo maior a ser alcançado: desenvolver a leitura literária. Várias aulas foram utilizadas para esse fim. O próximo passo foi transformar essas leituras numa argumentação oral e artística, havendo sempre a necessidade de ensaios e intervenções por parte da professora, constituindo assim, a parte mais longa do projeto, em razão da necessidade de tempo para ler, assimilar e construir as falas. Também foi indispensável que alguns ensaios sejam feitos na sala de vídeo, para que se familiarizem com o uso do microfone, do som e do *Datashow*.

Para a culminância do evento literário, os alunos da 2ª série – EJA foram incumbidos de organizar todo o evento, desde a confecção dos murais até a montagem dos equipamentos de som e multimídia. Além disso, deveriam preparar um coquetel para o encerramento. As turmas foram divididas em equipes para a distribuição das tarefas.

Esta ação estava incluída no Projeto Político Pedagógico da Escola e constava como uma das avaliações do 2º período do semestre das turmas de 3ª série. Os alunos das turmas da 2ª série eram os anfitriões e ao mesmo tempo o público alvo do evento, os quais eram avaliados pela participação como ouvinte. Essa metodologia criava expectativas aos próximos alunos que cursariam a 3ª série no semestre seguinte (os alunos da EJA têm apenas dois períodos, a cada seis meses acontece a promoção para a série seguinte).

Nessa trajetória percorrida até o primeiro semestre de 2017, passeamos pela Literatura Brasileira com leituras de textos e obras de vários autores e escolas literárias, os alunos tiveram a oportunidade de absorver conhecimentos sobre o autor que pesquisavam e sobre os demais apresentados pelos outros, pois cada turma era dividida em quatro grupos, sendo que variavam de duas a três turmas de 3ª série, de um semestre para outro.

Para delimitar o relato dessa atividade pedagógica, faremos um breve relatório do VIII Seminário apresentado em 2016:

Eu canto porque o instante existe  
E a vida está completa  
Não sou alegre, nem sou triste  
Sou poeta (CECÍLIA MEIRELES)

Os versos acima, de Cecília Meireles, foram a epígrafe escolhida para abertura do VIII Seminário Temático de Literatura da EJA, com o tema: Poesia brasileira – uma amostra do romantismo à fase contemporânea, incluindo a poesia de escritores da nossa cidade. O evento veio a encontro com a data do 2º dia “D” da Leitura, cuja temática era Autores Tocantineses. Assim, como em nossa cidade há vários escritores, fizemos uma homenagem a eles. O seminário foi realizado em três dias, obedecendo a seguinte programação expressa no convite:

Abertura do primeiro dia do evento foi feita pelo poeta tocantinopolino Giano Guimarães, que prestigiou o evento e fez uma fala de incentivo à leitura e à escrita aos educandos, também apresentou suas obras publicadas. No segundo dia, a abertura do evento foi realizada pelo poeta tocantinopolino Angelim, o qual dissertou aos alunos e convidados sobre sua carreira e sua vida como escritor com palavras também de incentivo à cultura à leitura e à escrita, também recitou um poema dele.

No terceiro e último dia, a abertura do evento foi realizada pelo Diretor Regional Dorismar Carvalho que em sua fala também incentivou o

alunado sobre a importância da leitura e da escrita, bem como a importância desse tipo de Projeto nas escolas. Tivemos também as presenças e as falas dos Professores Carlos Antonio, David e Professora Maria da Consolação que são escritores tocantinopolinos. Deixei para o último dia as apresentações lúdicas relacionadas à parte teórica apresentada nos dias anteriores. Foi incluso também alguns alunos da 1ª série – EJA para recitarem poemas dos nossos poetas locais, como forma de homenageá-los.

A participação dos escritores da cidade foi importante para mostrar aos alunos que é possível ser um escritor e que a literatura está presente em nossa comunidade, assim motivá-los a aproximarem-se cada vez mais do mundo da poesia, compreendendo o valor que a linguagem poética possui, bem como o leque de conhecimentos que ela oferece. O contato direto dos poetas com os alunos permitiu quebrar essa barreira, a partir daí, certamente, a poesia passou a ser vista de outro modo e, indubitavelmente, muitas janelas se abriram trazendo novos ares. É interessante lembrar os versos de Mário Quintana:

Quem faz um poema abre uma janela.  
Respira, tu que estás numa cela abafada,  
esse ar que entra por ela.  
Por isso é que os poemas têm ritmo  
– para que possas profundamente respirar.  
Quem faz um poema salva um afogado. (QUINTANA, 2001)

Além dos escritores convidados, tivemos também a presença de alunos egressos, professores de outras escolas, alguns pais de alunos e a equipe da Diretoria Regional de Educação. Toda a equipe da escola Carneiro de Brito, professores, coordenadores, secretários e direção, colaboraram e participaram positivamente do evento.

Como uma das maiores colheitas desse projeto, ressaltamos o brilho no olhar daqueles que, ansiosamente, esperavam seu momento de falar, bem como a satisfação e a alegria após a tarefa concluída. O mesmo brilho poético também reluziu nos olhos de quem assistia. O seminário temático ganhou uma nova dimensão e deixou os alunos da 2ª série já na expectativa de serem os próximos apresentadores.

Como divulgação midiática, contamos orgulhos com a cobertura do site *porto em foco* que publicou e divulgou nosso trabalho por meio de fotos no site e na rede social *Facebook*, e, ainda, fomos também noticiados pelo site da SEDUC/TO levando nossos modelos de práticas pedagógicas como

exemplos para outras unidades de ensino.

Ao final, reiteramos nossa certeza do quanto a literatura instrui, distrai, educa e liberta sentimentos, por isso é tão indispensável vivenciá-la na escola, por meio de eventos de letramento literário para que nossos alunos vejam o mundo com “outro olhar” e busquem sempre novas, melhores e mais enriquecedoras leituras.

### **5. Considerações finais**

Como não proporcionar esse espaço de leitura entre os alunos da EJA? O fato de estarem nessa modalidade de ensino já os exclui de muitas atividades pedagógicas e, conseqüentemente, de oportunidades de aprendizagem. Há uma concepção errônea de que eles são “coitados” e que os professores devem ser facilitadores, isso de veras os tornam fracos e incapazes. Como uma professora de língua e literatura, poderia compartilhar do mesmo pensamento? Seria discriminatório que não os apresentasse ao mundo literário, como muito mais comumente é feito com os alunos do ensino regular.

Como resultados e conclusões, para avaliá-los de forma justa, levamos em consideração todo o conflito que os envolvia e, com esse olhar, todos os avanços alcançados até o final do projeto foram pontuados de forma específica, singular e positiva. E uma dessas especificidades para a avaliação foi reconhecer que esse foi o primeiro contato deles com a Literatura de forma mais consistente, elevando a satisfação e bem-estar ao vê-los apresentar peças teatrais, recitais, jograis, musicais de obras literárias, até recentemente totalmente desconhecidas para eles, contudo, a partir daí uma experiência poética e catártica prazerosa e inesquecível para todos.

Vimos, alegremente, que mesmo os alunos de idade mais avançada e outros com alguma deficiência de aprendizagem conseguiram atingir a superação, se envolver, dentro de suas possibilidades, no mundo da leitura. Prova do envolvimento, compromisso e superação foi ver que, mesmo diante de falta de reconhecimento de alguns alunos ouvintes que verbalizaram críticas quando a leitura e/ou a fala não eram bem claras e com desenvoltura, o esforço e a realização continuava nos apresentadores e as falhas superadas tão gloriamente a cada nova apresentação.

O trabalho sobre a poesia surpreendeu a todos, foi além das nossas

expectativas. Ver, por exemplo, a dramatização do poema “*E agora, José?*” foi cativante; os alunos memorizaram todo o texto e o recitaram de forma envolvente. Um outro grupo produziu uma peça teatral, baseada em textos de Vinícius de Moraes. Os poemas “Navio negreiro” e “Não há vagas” foram encenados com requinte e performance. Todas as apresentações poéticas deixaram o público em estado de contemplação, graças ao poder que a literatura exerce sobre o leitor/expectador, como expressa os versos de Cecília Meireles: “Ai, palavras, ai palavras,/que estranha potência, a vossa!”

Não tenho dúvidas de que essa atividade pedagógica pode ser realizada no ensino médio de qualquer escola e alcançar bons resultados, visto que a leitura literária sempre produz bons frutos, por mais trabalhoso que seja o ato de lançar as sementes, sendo preciso apenas que o professor articule suas ações fundamentadas na paixão pela leitura e vislumbrando aos alcances lúdicos e complexos dessa arte de ler. Reiteramos sempre que, na aplicação de conteúdos de leitura, se a atividade for meramente avaliativa é bem provável o seu fracasso.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIENDE, Felipe; CONDEMARIN, Mabel. *Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ANTUNES, Celso. *Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender*. Porto Alegre: Artmed, 2002

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

KLEIMAN, Ângela. *Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?* São Paulo: Cefiel- IEL-Unicamp, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 23-74

Parâmetros Curriculares nacionais: *Língua Portuguesa*: primeiro e segundo ciclos/Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 1998.

PAULINO, Graça. *Letramento literário: cânones estéticos e cânones esco-*

lares. Caxambu: ANPED, 1998. (Anais em CD ROM)

QUINTANA, Mário. Emergência. In: MORICONI, Ítalo (Org.). *Os cem melhores poemas brasileiros de século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

\_\_\_\_\_. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. In: *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo: Autores Associados, v. 25, 2004. p. 5-17

STREET, Brian. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos novos estudos do letramento. In: MAGALHÃES, Izabel (Org.). *Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012. p. 69-92

TERZI, S. B. *A construção da leitura: uma experiência com crianças de meios iletrados*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.